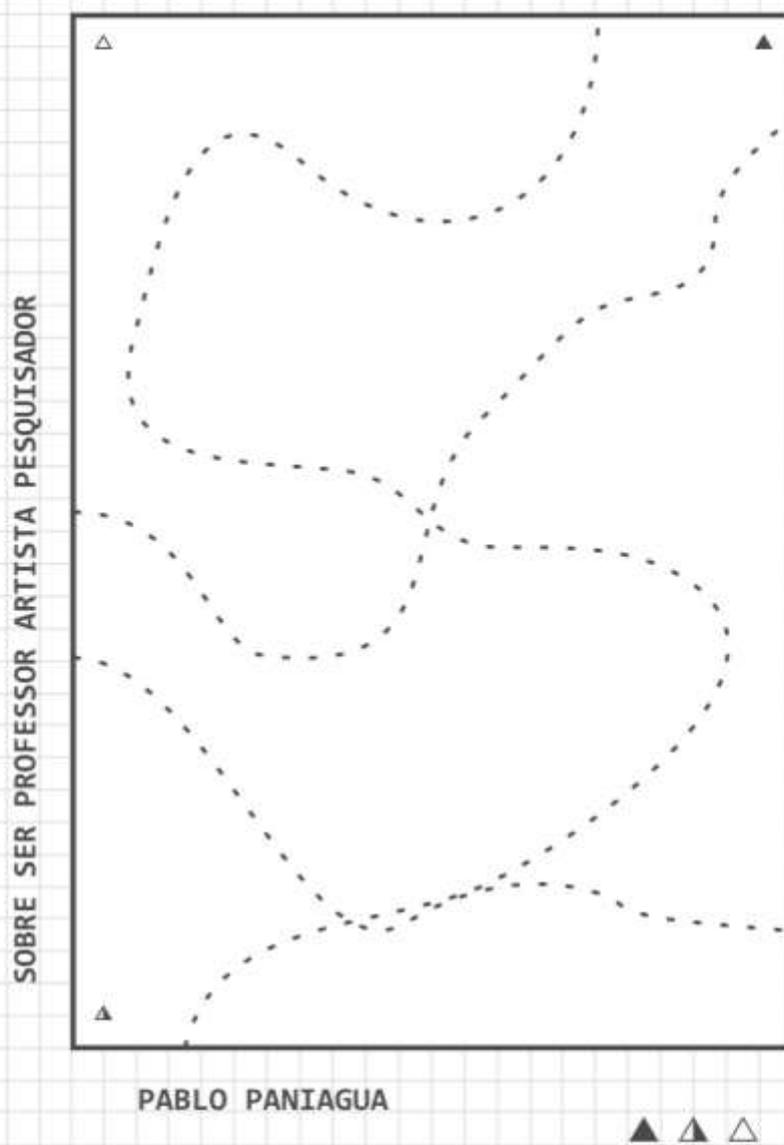
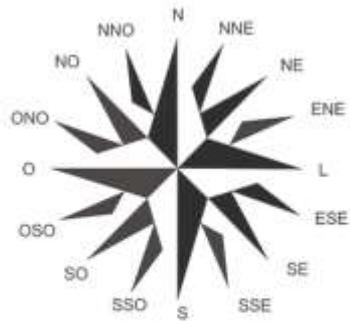


Do exercício de pesquisa e criação e suas notas cartográficas









Í N D I C E

Dos caminhos em passagem	4
professorartista pesquisador	6
In a landscape	8
Edgard Navarro. John Cage. E a imagem do ser pensante	10
Notas grifadas em “Cadernos de Estudo – o aprender o ensinar a arte”	12
Sobre ser (e seres) e a ilha Observatório	14
Cartografia das terras escritas e estudos para navegação além das águas	20
Estudo para placa indicativa de casa/atelier de professores artistas pesquisadores	27
Casa/atelier	28
Notas bibliográficas	[contra capa]

Dos caminhos em passagem

Esta publicação analisa, aciona e recombina dados que referem-se à disciplina eletiva “*Sobre ser professor artista*”, ministrada pela Profa. Dra. Jocielle Lampert, no PPGAV UDESC, 2014/2.

Atendo ao objetivo de apresentar um conjunto de reflexões sobre os assuntos propostos na disciplina, de forma associada com o desenvolvimento da pesquisa em curso no mestrado em Artes Visuais, buscou-se destacar práticas e conceitos que vislumbram um contexto simultâneo do ser professor, artista e pesquisador, em conjunto com alguns dados da pesquisa que trata dos registros da paisagem e da natureza litorânea (e suas imediações), e suas apresentações e representações no campo da arte.

Sobre a linguagem gráfica e textual apresentada, agrega elementos e formulações de diversas áreas de atuação e pesquisa, não se comprometendo de forma incondicional a qualquer teoria ou preceito filosófico/científico, de forma radical e isolada. As ideias e proposições, por seguinte, atendem ao propósito de reunir, aproximar e ressignificar uma série de observações dos múltiplos vetores em estudo.

Como caderno de notas, revisado e finalizado para publicação, grande parte dos temas desenvolvidos foram extraídos de apontamentos, palavras grifadas e notas rabiscadas durante as aulas (e fora delas). O tratamento dos temas segue esta forma de nota pessoal, notação codificada, que agora recebe um tempo maior dedicado ao pensamento e sua representação. A conexão das ideias foi sendo construída página a página. Por mais que tenham surgido blocos de linearidade de contexto e representação, o intento principal foi pesquisar e reunir um grupo de notas que valorizassem também as dissonâncias e assimetrias, encontradas nesse processo de revisão do semestre. A escrita descontínua e fragmentada foi adotada para privilegiar o surgimento de discontinuidades e intervalos, um artifício usado aqui para exercitar o “não fechamento das ideias em um único texto com início, meio e fim”.

Como parte de uma pesquisa em andamento, esta publicação contém um alto índice de experimentação e risco. Entende-se que sua natureza é dúbia e transitória, semelhante à boa parte dos apetrechos indispensáveis a uma longa e desconhecida aventura - seu peso é relativo, e por hora, incalculável. Tem-se claro, que passado o tempo, parte de tudo aqui poderá tornar-se vazio, frágil e desnecessário. Reiterando, é um caderno de notas: anotações de passagem. Espera-se, com certo ânimo, que possa ser (ao menos) um ponto de referência ou repouso para outra(s) rota(s) ou *viajantes*.



professorartista pesquisador



Professor. Artista. Pesquisador. Cada uma dessas expressões compreende uma gama de entendimentos e abordagens, que, por hora receberá um enfoque mais contínuo e integrado, apontando para áreas de ação associada.

Esta ideia está expressa no uso e criação de índices gráficos e textuais, acionados por práticas e reflexões que evidenciam aproximações, contatos e sobreposições das múltiplas dimensões envolvidas na simultaneidade do exercício de *professoresartistapesquisadores*.

O entendimento coplanar desses três campos de atuação direciona para o reconhecimento de suas especificidades e todas as semelhanças que orbitam em torno de um mesmo eixo comum - a arte. Esse olhar conjunto possibilita uma análise mais apropriada de uma série de propostas em que percebe-se “o professor”, “o artista” e “o pesquisador” em uma atuação associada. De forma reconfigurada, buscou-se aludir aqui algumas das práticas e reflexões de agentes que atuam (ou atuaram) nesse contexto conjunto, como John Cage, Allan Kaprow, Harrel Fletcher, Ricardo Basbaum, Lucimar Bello, Lilian Amaral e Daniela Maura.

Tendo como referência algumas dessas proposições (textos/obras/pesquisas), o conjunto de índices desenvolvidos reapresenta esses múltiplos contextos associados, ativados pela contaminação entre a prática artística, o ensino da arte e a pesquisa acadêmica em artes visuais.

Os exercícios de criação apresentados são dedicados à estas experiências humanas de ordens múltiplas e fluídas, que atendem aos cursos das naturezas vitais e cotidianas.

A imagem ao lado (D) foi realizada junto da escuta das composições de John Cage, que integram os albuns "Sonatas & Interludes for Prepared Piano" e "In a Landscape" (disponíveis em www.lastfm.com.br/music/John+Cage, em 18/01/2015). Também foram revisadas algumas anotações sobre Cage durante a escuta das composições, ativando o processo de criação da imagem:

... em 1932, ingressou na universidade, mas abandonou os estudos dois anos depois, desiludido com as condições de ensino. Viajou para a Europa em 1935, primeiro a Paris, e depois a Mallorca, onde começou a pintar e compor musicalmente.

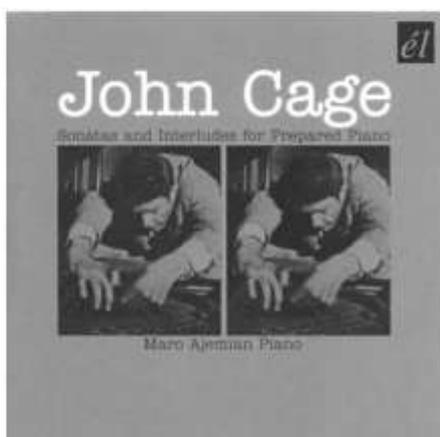
... no final dos anos 40 começa a estudar a filosofia Zen-Budista. Reduz a importância musical (ego) do compositor, preferindo buscar a "música" do meio ambiente, até utilizar o silêncio como elemento musical. Seus trabalhos, suas pesquisas, toda sua produção não segue uma lógica compartimentada e categorizada. Para melhor compreender sua produção precisamos acionar a afirmação de John Cage, que definiu-se Zen-Budista. (Categorizar é coisa do ocidente / Cage integra, "vive" no oriente).

... assim seus princípios artísticos são maleáveis e encontram fluências em todas as áreas artísticas com que tem contato, isso ocorre porque ele articula suas criações desde o princípio em algo à parte delas, o Zen-Budismo, um pensamento oriental (nem religião, nem filosofia) que Cage pratica com leveza, sendo sua mais forte influência na criação.

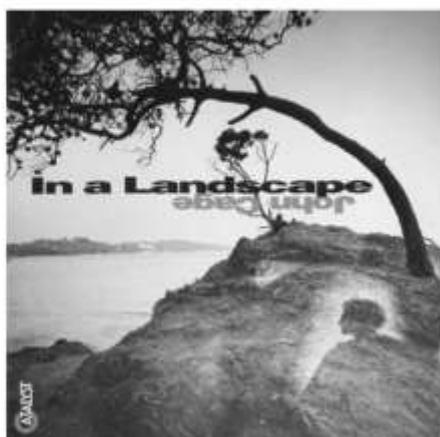
... sempre ligado às vanguardas, integrou o movimento FLUXUS e assim como Duchamp (seu amigo), transborda qualquer categorização presente na arte e na vida. Cage foi compositor musical, professor de música, ensaísta, poeta, gourmet de alimentação macrobiótica, cultivador e especialista em cogumelos, teórico-musical experimentalista, filósofo e artista visual.

... a interdisciplinaridade é sua principal característica. Assim entende-se com clareza suas incursões nos *happenings*, em que não era possível separar os elementos de sua criação musical, visual, performática, cênica.

... foi professor na faculdade Black Mountain College, Asheville, North Carolina. E na Universidade de Seattle.



- 1 Sonata I
- 2 Sonata II
- 3 Sonata III
- 4 Sonata IV
- 5 First Interlude
- 6 Sonata V
- 7 Sonata VI
- 8 Sonata VII
- 9 Sonata VIII
- 10 Second Interlude
- 11 Third Interlude
- 12 Sonata IX
- 13 Sonata X
- 14 Sonata XI
- 15 Sonata XII
- 16 Fourth Interlude
- 17 Sonata XIII
- 18 Sonata XIV and XV "Gemini" (after the work by Richard Lippold)
- 19 Sonata XVI



- 1 In a Landscape
- 2 Music for Marcel Duchamp
- 3 Souvenir
- 4 A Valentine Out of Season
- 5 Suite for Toy Piano
- 6 Bacchanale
- 7 Prelude for Meditation
- 8 Dream

In a landscape





Tenho um pequeno bloco de papel amarelo junto à mesa de trabalho, uso pra lembretes inadiáveis, também pra anotar coisas às pressas, qualquer coisa que precise ser logo escrita (guardada) pra não “desaparecer”. Neste bloco acontece uma típica equação inversamente proporcional: quanto mais rápida a escrita, menor é a capacidade de leitura da anotação. É perfeito! Incrível como equações perfeitas costumam trazer paz, satisfação, uma sensação de “está tudo resolvido”. Caso contrário, com equações imperfeitas, é comum sentir uma instabilidade angustiante, uma impaciência ... que geralmente transforma-se em uma comoção amena que logo evolui para um isolamento letárgico (um fechamento em si mesmo e exclusivamente em seu pensamento). A este estado pode-se denominar como: “pensativo”. É sobre essa condição “de estar em pensamento”, que se trata a anotação a seguir, escrita no dia três de novembro (2014), quando assistia a um documentário na TV.

“Tudo que move”¹

“Edgard Navarro”

“Pensador ocidental X pensador oriental”

Anotei isso o mais rápido possível (foi difícil fazer a leitura depois) e voltei a escutar aquele cara falando. Fazia pouco que tinha trocado de canal, então ainda não tinha entendido direito sobre o que era aquele documentário, que parecia tratar de idades mais avançadas, com uma pegada descontraída, valorizando as experiências, o tempo, as descobertas de cada entrevistado. Incrível como alguns encontros acontecem. Neste mesmo dia pesquisava sobre John Cage, tentava organizar os pensamentos sobre ele, seus trabalhos, o Zen-Budismo, o silêncio ... tudo de um jeito apressado porque no dia seguinte tinha uma série de compromissos e eu já sofria de véspera. Por isso resolvi assistir TV, para não entrar em “estado pensativo”. Então o cineasta Edgard Navarro começou a falar na entrevista sobre o pensador ocidental e o pensador oriental. Sobre como as sociedades ocidentais deram representação ao homem pensante, no século XIX, e que veio a disseminar-se por todo século XX, permanecendo ainda hoje. Edgard falava de “O Pensador” (1889), de Rodin. Tendo trazido importantes contribuições para todo projeto escultórico do século XX, como suas esculturas em módulos recombinados e a atualização da representação humana na escultura, dando contornos da *modernidade* (como já havia acontecido na pintura), ele jamais poderia esperar que aquele volume que fazia parte de um conjunto de figuras que compunham o monumento “As Portas do Inferno” (realizado em homenagem à Divina Comédia, de Dante), tornaria-se o ícone popularizado da imagem do filósofo/pensador ocidental². Um homem sisudo, sentado, cabisbaixo, inerte, claramente atormentado por seus pensamentos. Segundo Edgard Navarro, “um homem de olhar curto, que só vê o perto ...” - este seria o modelo de homem pensante ocidental. Na sequência, Navarro diz: “... enquanto isso temos o pensador do oriente. Um homem que olha para dentro, para longe, para o infinito.” Recordei imediatamente de John Cage, esse último tipo de homem pensante estava inserido no contexto de tudo aquilo que eu havia encontrado sobre ele. Pensei no *silêncio* (de Cage) e na imagem desse homem pensante, com seu semblante suave, um sorriso comedido, como alguém que indica que encontrou a solução encontrando a si mesmo e a todas as coisas. Está completo por que vazio. E vazio por que completo. Alcançou a equação perfeita! Sereno e plácido, em nada lembra a tensão de sua dialética representação ocidental. Cage fez todo sentido! Senti muita vontade de saber mais sobre o Zen-Budismo.

¹ *Tudo que move* (2014), documentário longa-metragem produzido pelo Canal Brasil em parceria com a Lata Filmes. Dirigido pelo cineasta baiano Thiago Gomes, tem como ponto de partida uma experiência vivida pelo próprio diretor, que ao completar 30 anos busca responder ao questionamento: *como se dão os movimentos da nossa existência?* Para isso Thiago entrevista homens e mulheres com pelo menos o dobro da sua idade ... como era o caso do cineasta Edgard Navarro.

² Tal representação icônica também foi conferida a escultura conhecida como “O Beijo”, também criada para integrar “As Portas do Inferno”. À revelia de Rodin, estas duas esculturas ganharam grande visibilidade independente de seu objetivo e contexto original.

Notas grifadas em “Cadernos de Estudo – o aprender o ensinar a arte”¹

“*Cadernos de Estudo – o aprender o ensinar a arte*” é o título do zine da artista e professora Daniela Maura, que começa com uma explanação sobre a ideia inicial que a levou a desenvolver a publicação. Ela conta que a ideia surgiu durante o exercício de tradução do capítulo 5, “Ensinar e aprender como Formas de Arte”, do livro *Fluxus Experience*, de Hannah Higgins (2002). Daniela explica que a necessidade de traduzir este capítulo foi “consequência do desejo de sistematizar e de verbalizar sobre os modos como venho integrando a prática artística à prática didática na área de Artes Visuais”.

Ela também menciona que durante a tradução, muitos pontos referenciados no livro de Higgins a faziam recordar dos professores com que tinha convivido, conta que eles não só ilustravam sua leitura, mas a “corporificavam”. Tanto que na sequência da tradução, Daniela publica uma transcrição de uma entrevista, realizada em 10 de setembro de 2013, com o artista e professor do Departamento de Desenho da Escola de Belas Artes da UFMG, Eugênio Paccelli Horta.

As notas transcritas a seguir são grifagens realizadas na ordem de leitura das páginas do zine. Foram selecionadas algumas partes da página de abertura e do capítulo traduzido, buscando estabelecer relações com o conjunto de revisões do semestre.

Das notas de abertura

“Sobre a tradução, um primeiro ponto para marcar é a valorização da experiência primária, que desdobra para o que denomino prática ou fazer.”

“Entre o fazer e o pensar, que se encontram num mesmo plano, podemos traçar uma rede de linhas.”

“Não se trata de ditar como o mundo deve ser experienciado, não se trata de homogeneizar (e esta é uma grande habilidade das Instituições). Estou fazendo uma lista para possíveis papéis para um professor: mediador, provocador, motivador, mobilizador, potencializador, propositor de ações.”

“Quem as Escolas de Arte formam? Somente artistas?”

“Aqui um rabisco: a importância da emoção.”

“A esta altura já começo a pensar que um de nossos maiores problemas é classificar tudo em termos de oposições incomunicáveis e como solução paliativa padronizamos, homogeneizamos e hierarquizamos.”

“Uma ação contrária a isso é a interdisciplinaridade, uma capacidade de emaranhar, desdobrar, sobrepor, colar e descolar. A intermídia *Fluxus* é uma potência para esta pesquisa.”

“E por falar em habilidade, há uma grande mácula na formação em Artes Visuais que é o Dom. O Dom como uma facilidade para algo, e que pode ou não ser bem utilizado. Como vejo a formação de Artes Visuais, trata-se muito mais de uma questão que defino como Vocação: um desejo, uma necessidade de realizar o trabalho.”

¹ http://issuu.com/cadernos_de_estudo/docs/cadernos_de_estudo_1, acessado em 18/01/2015.

Das notas do capítulo

"*Fluxus*, afinal, originou-se de certo modo da classe de John Cage em Nova York (e em menor grau da classe de Stockhausen, em Dusseldorf), e muitas figuras associadas ao *Fluxus* posteriormente passaram a ver sua arte através das lentes da pedagogia."

"Como Beuys coloca na parte I do Livro de Filliou, "A concepção ampliada de arte inclui toda ação humana.""

"Para Cage, ensinar e aprender são atividades que caminham juntas, com um grupo de pessoas trabalhando igualmente para realizar uma transformação ativa no materialmente diversificado ambiente humano."

"... Kaprow descreve os benefícios emocionais de um tal sistema intersubjetivo quando ele declara que "*a experiência de todo mundo deve de algum modo estar conectada com o amor de cada um, o que quer que isso seja.*""

"As inclinações naturais de Gardner e as observações de Gerlenter de que as emoções subjazem todo pensamento dão um forte crédito ao enganosamente simples "*amor*" como chave para o aprendizado de Kaprow."

"O objetivo de toda educação de fato deve ser estabelecer um senso de continuidade entre o seu *self* e o mundo. Oposto desta abordagem produz alienação como Beuys cruelmente declara: "*o homem encara o seu companheiro como um estranho.*""

"As implicações para educação são vastas. Os diferentes tipos de inteligências ativam umas as outras quando recebem o estímulo e a interação adequados."

"Muitos objetos e *Fluxus Events* podem ser entendidos como a expressão material da interdisciplinaridade, pois criam oportunidades para um jogo expandido e interativo de diversas funções cognitivas. De fato, as múltiplas inteligências, especialmente com ênfase nas inteligências interpessoal e intrapessoal e a interdisciplinaridade podem muito bem permitir aos estudantes aplicar a sua base de conhecimento em suas próprias vidas."

"Allan Kaprow frequentou o curso de composição de Cage na New School em 1957 (...)"

"Como professor de arte, ele pensava que seu papel era envolver os estudantes em uma atitude crítica, em um "Manifesto". Ele escreveu que "quando a arte se torna menos arte ela toma o papel da filosofia como crítica da vida". (nota sobre Kaprow)

"O valor do aprendizado reside portanto em questionar ativamente os materiais do seu próprio ambiente, com uma atitude expansiva e profusa."

"David Gerlenter escreve (sobre a inteligência artificial) "*as emoções não são uma forma de pensamento, nem um modo adicional de pensar, nem um bônus cognitivo especial, mas são fundamentais para o pensamento.*""

"Como podemos reverenciar a produção criativa de nossos poetas e artistas, músicos e dançarinos, se falhamos em estabelecer modos efetivos de cultivo dessas formas associadas de inteligência?"





Situada bem próxima do litoral, a ilha Observatório é uma formação insular bastante pequena. Em definição geológica é uma ilha – uma ilhota – por mais que pareça uma grande pedra. De acesso fácil e convidativo pela praia, há relatos de inúmeras espécies avistadas em sua superfície e arredores. Porém bem poucas instalaram-se com relativa permanência. Já mencionada de incontáveis maneiras em mapas, cartas náuticas e denominações populares, aqui neste texto será designada unicamente como Ilha Observatório. Sobre isso, é fato que costumamos designar a tudo como percebemos num dado momento de descoberta. Em geral nomeamos, de pessoas às coisas, aspirando desejos, funções ou desígnios. A ilha Observatório, assim, é um campo de observação e estudo. Um posto avançado, pois seria um correspondente horizontal do cume mais alto de uma dada região – é o último ponto sólido à superfície antes de aprofundar-se o grande oceano. Da mesma maneira, guarda as semelhanças dos últimos pontos submersos antes da terra firmar-se, em direção do grande continente. Grande parte de tudo que chega até a ilha não costuma ir mais além. Sua presença é um limite natural entre o mundo das águas e das terras. E como tal, inspira curiosidades, desafios, reconhecimentos e ancoragens, revelando também as fragilidades de cada natureza quando atormentada pelo isolamento, a solidão e a inclinação aos desastrosos.

Em um dos dias observando a ilha, já próximo do anoitecer, anotou-se o seguinte pensamento enquanto os últimos pássaros partiam em revoada.

Quanto aos seres vivos, poucas vezes podemos enunciar uma condição absoluta e abrangente a todos. Em um desses casos, nota-se que todos os seres que compartilham um território necessitam coexistir, mesmo que em diferentes graus de interação, definindo assim questões vitais para sobrevivência, adaptação e permanência natural de cada espécie em seu habitat. E ainda, neste contexto de coexistência, a aprendizagem em geral ocorre de duas formas: individualmente (de forma solitária) ou em interação com outros indivíduos (de forma mediada - na maioria das vezes, por membros da mesma espécie).

Sobre o primeiro caso, chama atenção alguns espécimes da classe Reptilia (répteis), que após desova na praia próxima à ilha, tem todo seu desenvolvimento embrionário externo e desacompanhado dos progenitores. Após seu nascimento cabe a cada indivíduo garantir sua sobrevivência. Seu aprendizado se dá no campo do instinto e da experiência direta (primária), de forma totalmente imersa no ambiente. Sabe-se que a grande maioria acaba por perecer à cadeia alimentar nas primeiras semanas de vida, sendo comum que apenas um entre milhares sobreviva até a fase adulta, reproduzindo-se sem repassar diretamente qualquer experiência à próxima geração. Esse tipo de interação e aprendizagem entre gerações não envolve troca, armazenamento e repasse de conhecimentos adquiridos; o que por muitas vezes tornar difícil e incerta a vida desses espécimes. Mesmo assim, eles permanecem.

Já entre outras espécies, mais comumente da classe Mammalia (mamíferos), que habitam as proximidades mais altas da costa que abriga a ilha, nota-se uma interação peculiar entre seus indivíduos e o ambiente. Observa-se na maioria dos casos, que a interação de aprendizagem se dá de forma mediada, protegida, sobretudo nas primeiras fases da vida, seja por um pequeno grupo (progenitores) ou um grupo maior (meio social desses indivíduos). Isso proporciona aos filhotes um desenvolvimento dentro de um processo (por vezes colaborativo) de repasse de experiências - um aprendizado por referência e transferência é estabelecido. Este aprendizado geralmente é contínuo e permanece por toda vida. É perceptível que instaura-se uma rede complexa de relações entre os membros dessas espécies, entre si e com o meio que coabitam. Percebe-se muitas vezes uma especialização de cada indivíduo neste convívio associado, que decorre do exercício diário de suas habilidades (por alguns ditas, vocações), que desenvolvidas, praticadas e compartilhadas, podem estruturar diferentes graus de participação e reconhecimento nas comunidades de convivência.

Nota-se que independente da classe ou espécie, todo ser vivo impregna-se de um estado de “aprendizagem” como um estado natural de existência, seja ele constituído exclusivamente das próprias experiênci-

as ou de uma estrutura social de convívio e referência.

Dias após a escrita dessa anotação, durante a leitura e organização das notas, as correlações entre a aprendizagem das tartarugas marinhas, os pequenos macacos da costa e os humanos foi inevitável. Sobre isso, soma-se outra anotação.

Depois de dois dias de observação na ilha, coletando dados sobre o lado leste, cheguei mais tarde na encosta que leva à ilha e percebi que já havia duas pessoas nela. A maré estava baixa e claramente um dos homens tentava orientar o outro sobre alguma coisa próxima da água. Falava, apontava, gesticulava demonstrando propriedade e energia naquele visível ensinamento. Os gestos do aprendiz, um pouco mais comedidos, acompanhavam os gestos demonstrados. Depois de algum tempo sumidos do lado oposto à encosta, reapareceram, coletavam mariscos. Guardando a desproporção clara entre experiência e inexperiência entre os dois homens, sobre aquela ação específica, por momentos, ao longe, podia-se confundir um por outro, mais ainda porque colocavam os mariscos coletados na mesma sacola. Durante maior parte do tempo agiram em conjunto, num esforço associado para coletar o bastante. Ficaram cerca de uma hora na ilha e retornaram a praia numa pequena embarcação a remo. Informando-me sobre o assunto, existem vestígios e registros de coleta de mariscos por humanos há milhares de anos naquelas encostas.

Certamente a aula e a experiência que presenciei naquela manhã fazem parte da ilha Observatório há muito tempo. Eu que inicialmente achei a presença dos dois homens incômoda à minha pesquisa, pois naquele momento não estava lá para coletar dados que se referem à “civilização”, percebi um novo campo de possibilidades. Um novo capítulo pode ter surgido, seu título provisório: “Presença e interações humanas na ilha Observatório – do estar lá sozinho até as experiências de aprendizagem mediada”.

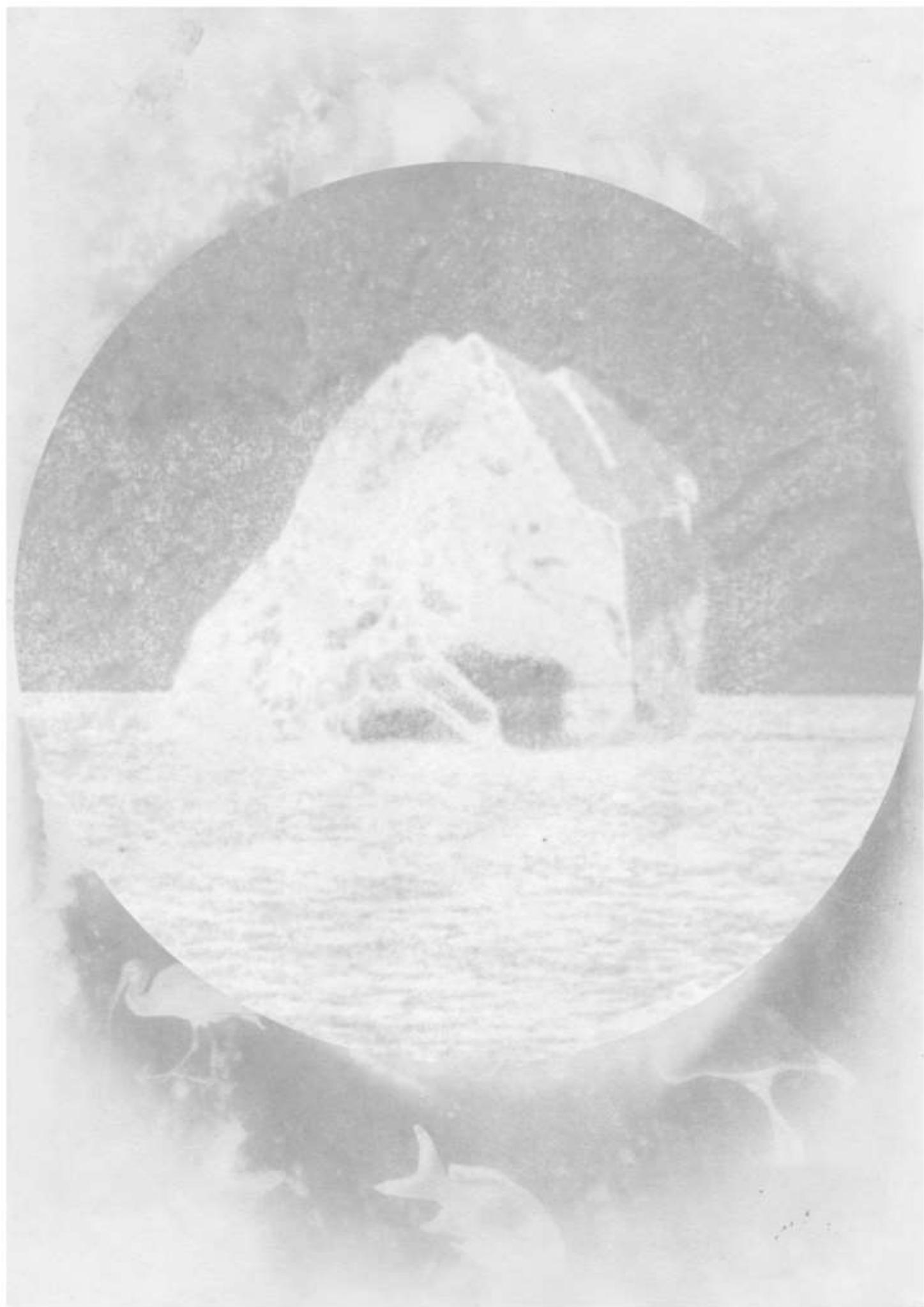


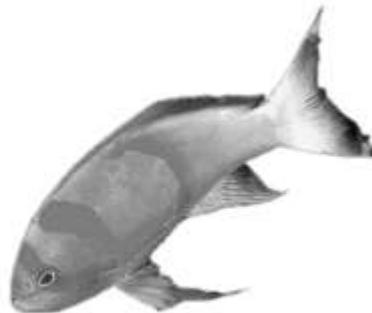
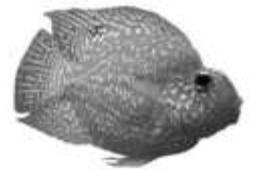
1 Prática de cianotipia realizada na disciplina “Sobre ser professor artista”, PPGAV/UDESC, ministrada pela prof. Dra. Jocielle Lampert. Outubro de 2014.

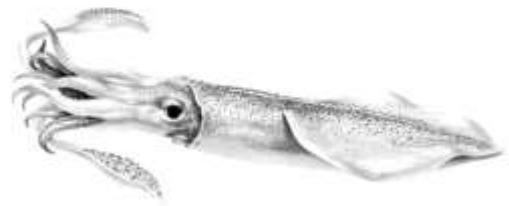
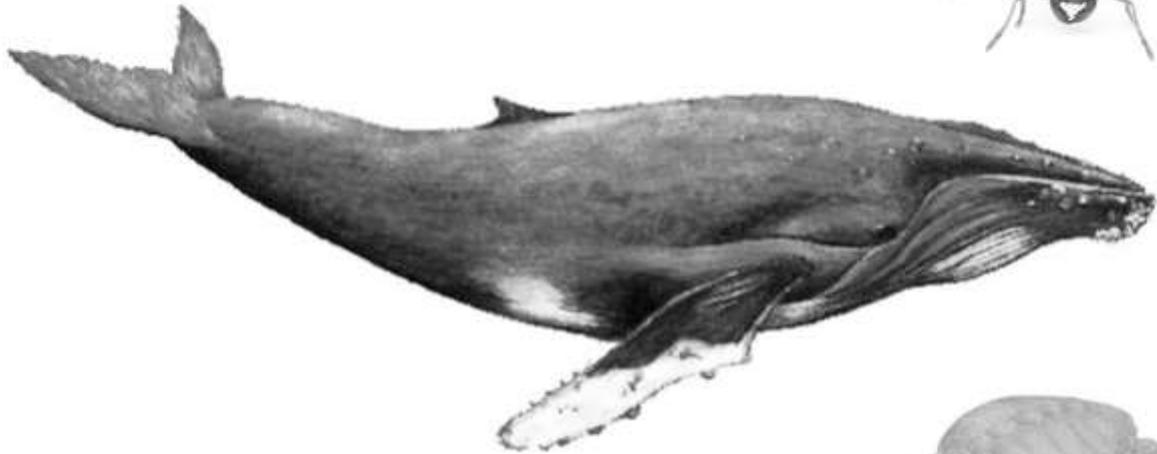
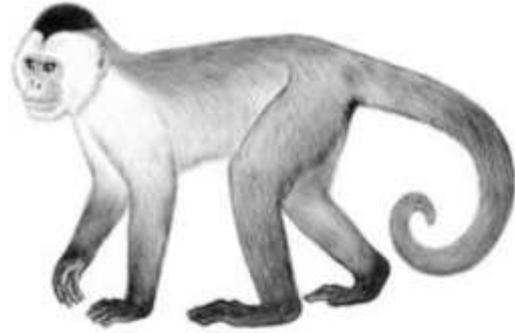
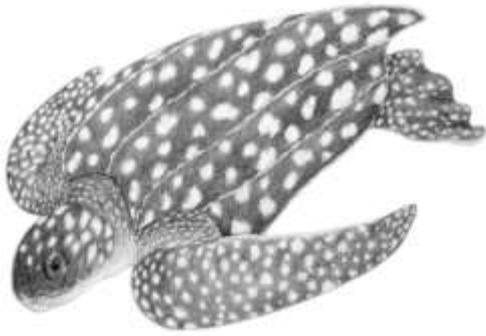
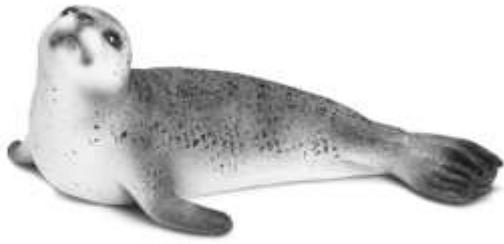
2 A Ilha Observatório é uma das ilhas em pesquisa/criação no curso de mestrado, PPGAV UDESC, na linha de pesquisa de Processos Artísticos Contemporâneos, com orientação da Profa. Dra. Regina Melim. Durante os estudos foram encontradas aproximações poéticas com as “Ilhas da Utopia” (1516), de Thomas Morus (1478-1535) e com a “Ilha Não Encontrada” (1913), de Guido Gozzano (1883-1916); ambas referenciadas no livro “História das terras e Lugares Lendários”, de Umberto Eco, publicado pela Editora Record (2013). Os últimos dias, bastante claros e de brisa leve, ajudaram bastante na coleta de dados na Ilha Observatório.

3 Intervenção digital em cianotipias realizadas na disciplina.

4 As páginas 18 e 19 integram os dados ilustrativos sobre a Ilha Observatório.







Este módulo apresenta uma série de dados sobre artistas, obras, textos e exercícios de criação reconfigurados na forma de estruturas cartográficas. O conjunto de representações de mapas, gráficos de relevo, cartas náuticas e celestes, sinais e códigos de navegação a seguir, registram reflexões especialmente sobre os escritos: “A cartografia como método de pesquisa-intervenção”¹, de Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros; e “CARTOGRAFIA ou de como pensar com o corpo vibrátil”², de Suely Rolnik.

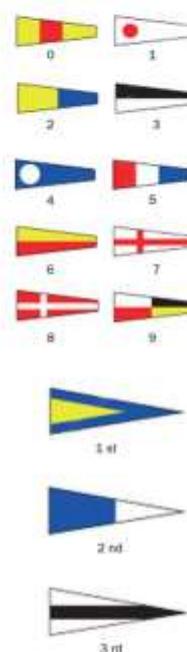
Além disso, merecem menção pelas contribuições no campo da experiência e da prática da pesquisa cartográfica, as proposições idealizadas por meio do grupo de estudos *Estúdio de Pintura Apotheke*³:

- a aula “Arte contemporânea, das (in)existências e das provocações” e a oficina “Praticar Artes Visuais colaborativas, ações inquietas”, ambas com a artista e pesquisadora Lucimar Bello⁴, realizadas em 14 e 15 de outubro, no Ateliê de Pintura do DAV, Udesc Ceart;

- a aula ação “Cartografias artísticas e territórios poéticos: dispositivo e disparador”, com a artista e pesquisadora Lilian Amaral⁵, realizada em 09 de outubro, no Ateliê de Pintura do DAV, Udesc Ceart, sendo uma atividade aberta e integrada às disciplinas de Cultura Visual (DAV/UDESC) e Sobre ser Professor Artista (PPGAV/UDESC), ministradas pela professora Dra. Jocielle Lampert (DAV/PPGAV).



CÓDIGO INTERNACIONAL DE NAVEGAÇÃO MARÍTIMA (CSI)



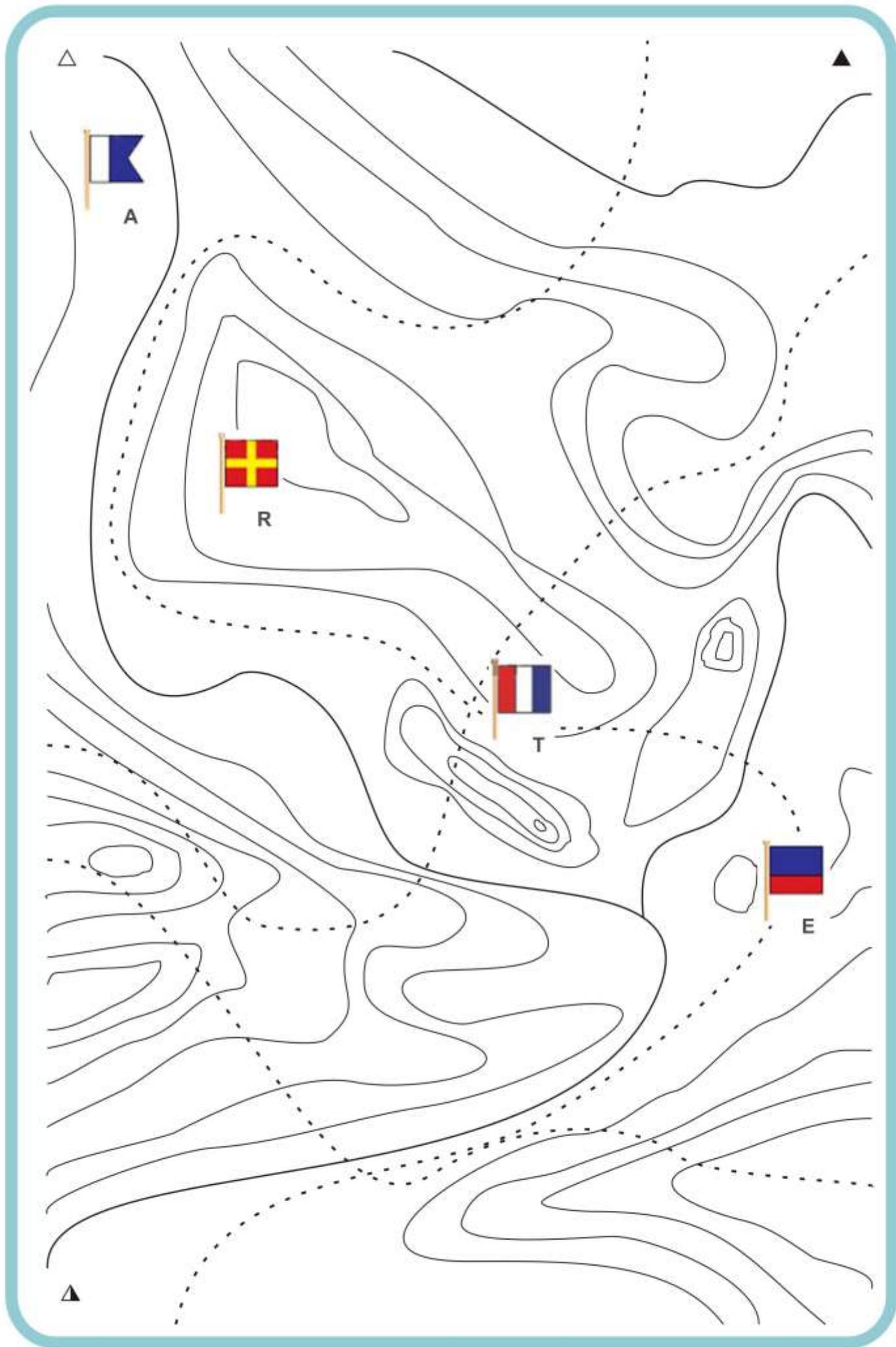
1 PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia e ESCÓSSIA, liliiana da (Orgs). *Pistas do Método da Cartografia - Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

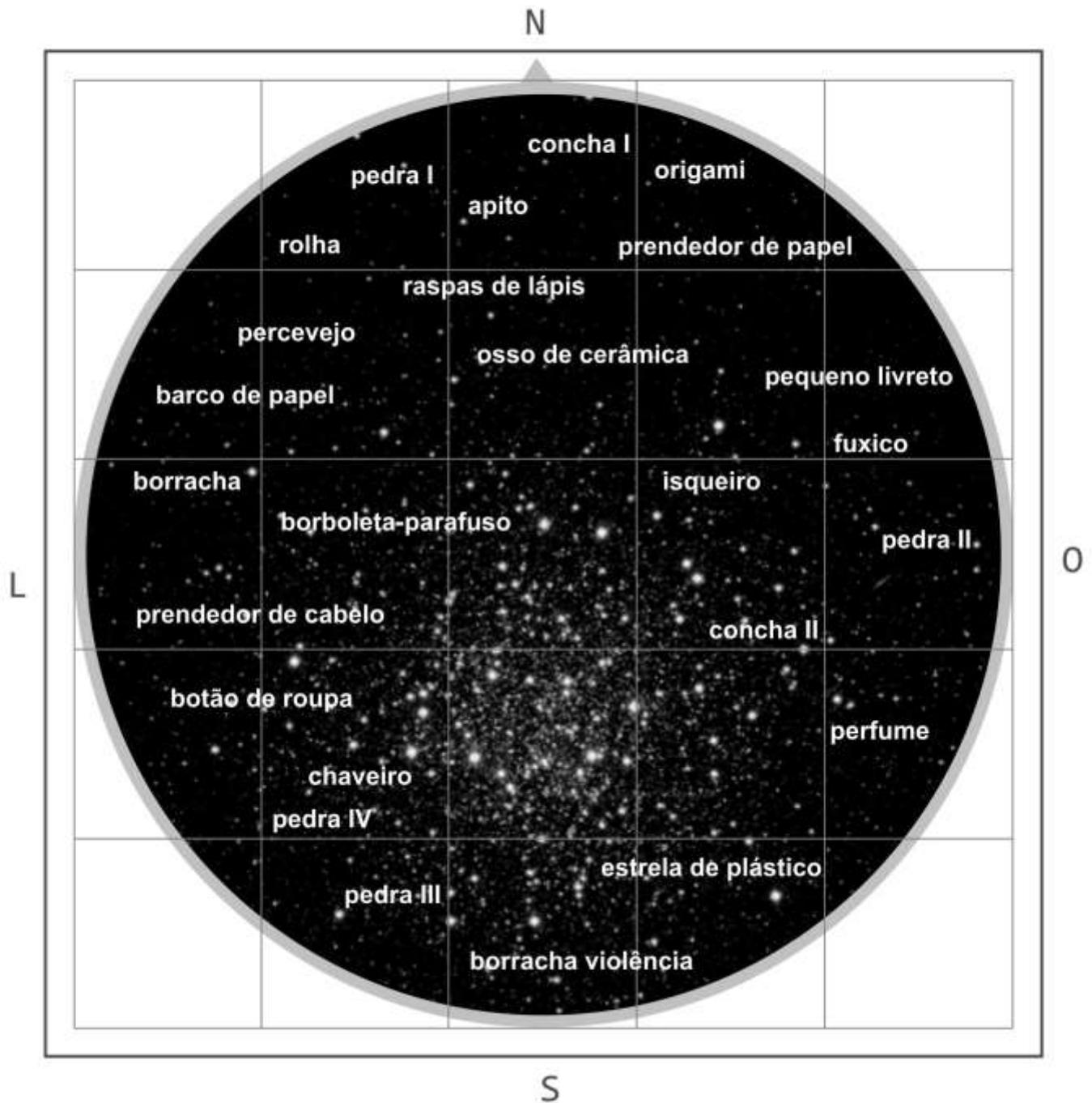
2 ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

3 Grupo de estudos em pintura, coordenado pela professora Dra. Jocielle Lampert.

4 Lucimar Bello é artista plástica e pesquisadora voluntária no Núcleo de Estudos da Subjetividade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, faz parte da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) e da Federação de Artes Educadoras do Brasil (FAEB). Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo (USP).

5 Lilian Amaral é artista visual, Doutora em Artes Visuais pela ECA-USP e pesquisadora CNPq, professora e curadora de arte pública. Dirige o Museu Aberto e é coordenadora da Linha de Pesquisa Arte e Media City.

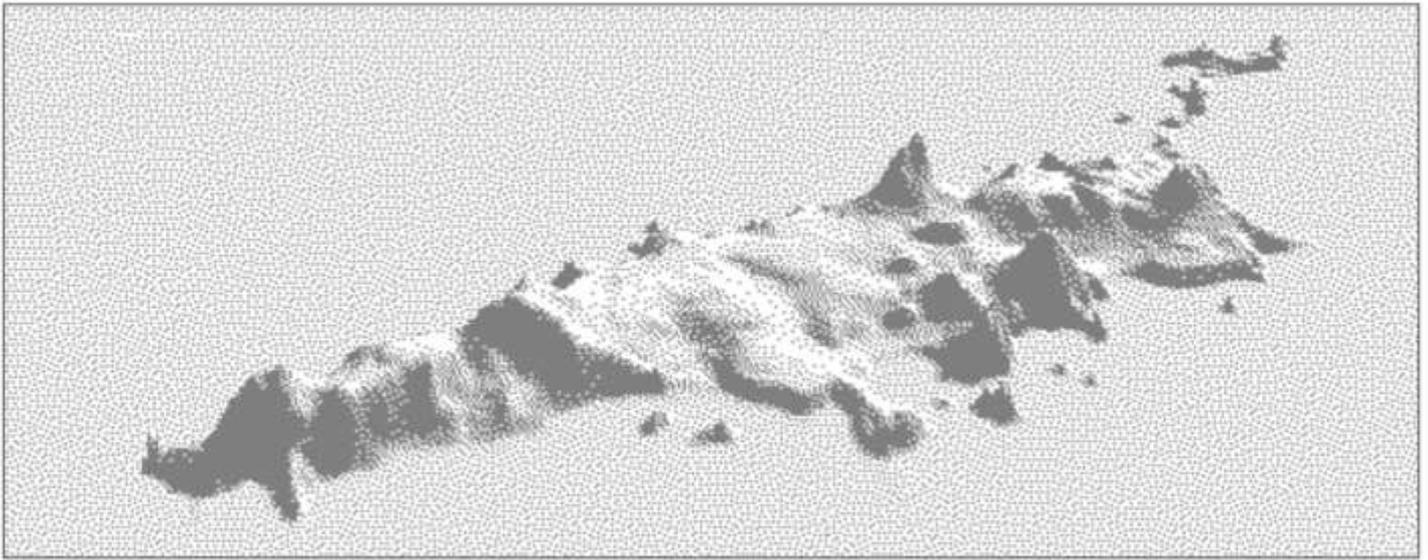




Catálogo astronômico realizado como registro da oficina "Praticar Artes Visuais colaborativas, ações inquietas", com Lucimar Bello, utilizando objetos trazidos pelos participantes para exercícios de criação coletiva.

Data de observação: 15 de outubro de 2014

Horário: 08h - 12h
14h - 18h

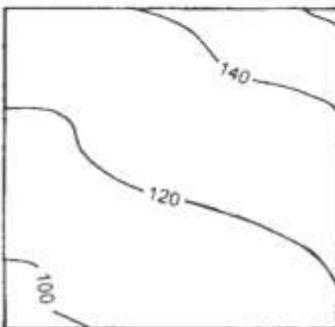


i l h a s B A S B A U M

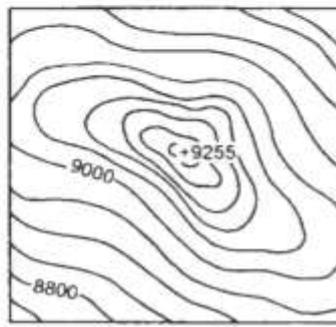
o artista como pesquisador

circuito de arte
circuito universitário

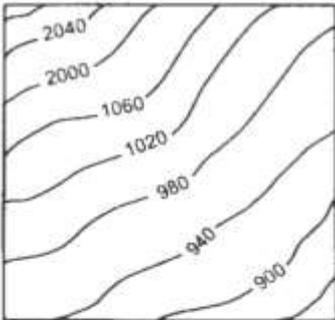
“Não há como escapar da máxima:
dentro da universidade o trabalho
de arte se transforma em pesquisa e
o artista em pesquisador.”



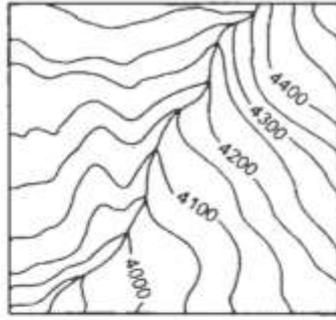
GRADUAL SLOPE



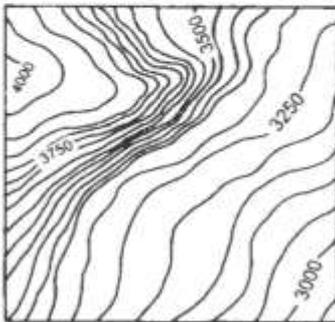
PEAK



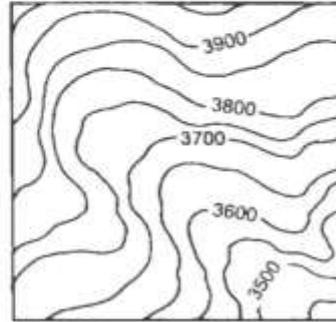
STEEP SLOPE



V-CONTOUR



CLIFF



U-CONTOUR

ALLAN KAPROW *

1927 - 2006

HAPPENINGS

ATIVIDADES

Gesto

arte fora de seus limites

ENVIRONMENTS

rito de passagem

antiarte

desistir de todas as referências

Vida

evitar os papéis estéticos

arte Arte

(leito de rio seco)
molhando uma pedra
carregando-a rio abaixo até que esteja seca
largando-a
escolhendo, lá, outra pedra
molhando-a
carregando rio acima até secar
largando-a

an-arte
não-arte

an-artista
nãoartista

desviar-se para longe de onde as artes se congregam

mídias combinadas (intermídia)

Dennis Oppenheim

Ar

La Monte Young

Pollock

Abbie Hoffman

misturas X contaminações

a arte como um todo impreciso

intermedialista

Artistas do mundo, larguem o meio!
Vocês não tem nada nada a perder além
de suas profissões!

* Artista e professor de artes no State University of New York; California Institute of the Arts; Project Other way, Berkley (ateliês de artistas em escolas públicas). Com prática na pintura, assemblages, environment, performance e happenings, buscava integrar arte e vida, assim como arte e educação, de uma forma não compartimentada e hierárquica. Os dados cartográficos apresentados foram realizados com referência em seu texto "A educação do não-artista", e também com a colaboração de Luana Navarro (mestranda artes visuais, UDESC).

JOHN CAGE *

1912 - 1992

HARMONIA DESARMÔNICA

eliminar qualquer possibilidade
de harmonia clássica

“NÃO-CONTINUIDADE”

“muitos sons sendo notados ao mesmo tempo”

Arnold Schoenberg

ACASO E INDETERMINAÇÃO

experiência numa câmara anecóica

4'33''

ARTE

VIDA

ZEN BUDISMO

“SILÊNCIO”

cogumelos

happenings

Merce Cunningham

o acaso é ligado ao método (à etapa de composição)
e indeterminação é o resultado desse método (etapa de execução)

“harmonia anárquica ou harmonia desacostumada”:
princípio que se baseia no agrupamento de qualquer
som (espontâneo ou não), sendo ele tonal ou não.

o silêncio pode ser (...)

o lapso de tempo entre os sons (...)

* Um Buda intermídia. Pode-se dizer também, exímio instrumentista do silêncio absoluto inexistente.

HARRELL FLETCHER *

1967

Aproxime-se

Fotografia não fotografia

Aprendizado Coletivo

Pesquisa de projeto

Abordagens abertas

Educação Experimental

Três aulas

Espaços de aprendizado

Aprendizado no campo

Criando obras acessíveis
para todos os públicos

Prática Social X Prática de Ateliê

Projeto Crow de Biodiesel

Tia Grace

Walter

Múltiplas maneiras de se
interpretar a mesma experiência

O Dilema e a Solução da História
da Arte Contemporânea

Aprendendo a amar-se mais

Levando uma Vida Interessante

* Artista e professor de artes na Portland State University, Oregon, EUA. Trabalhou individualmente e como colaborador em uma série de projetos interdisciplinares e engajados socialmente por mais de quinze anos. Os dados cartográficos apresentados são reconfigurações de seu texto "Algumas ideias sobre Arte e Educação", que integra o livro *Educação para a arte - Arte para a Educação*, de Luis CAMNITZER e Gabriel PÉREZ-BARREIRO. Porto Alegre. Fundação Bienal do Mercosul, 2009.

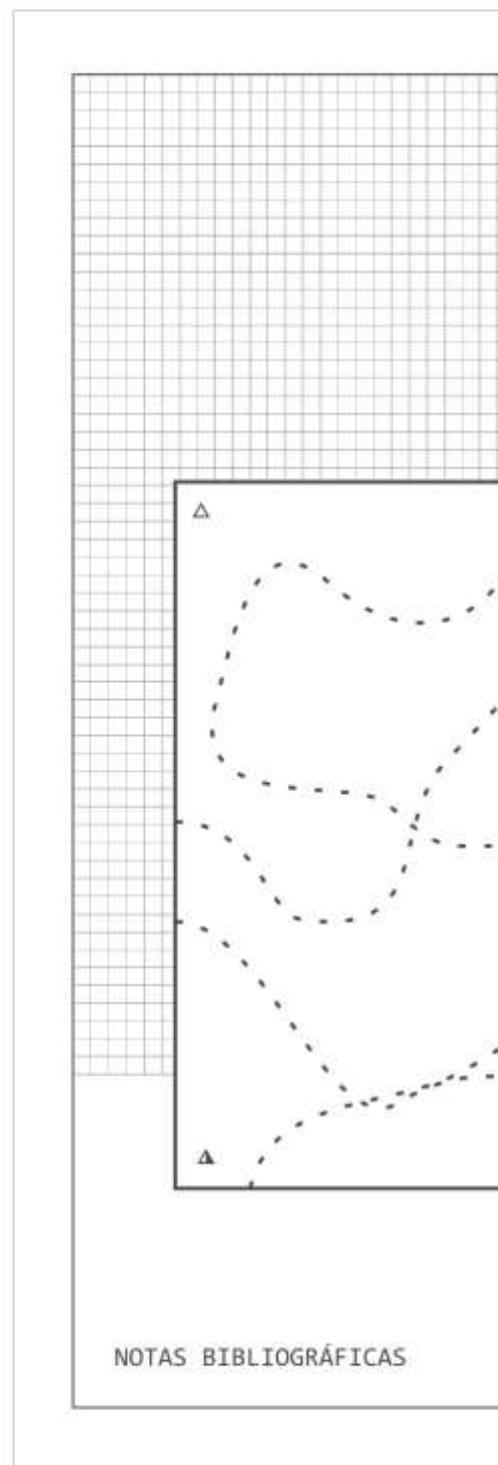


Casa/atelier¹



¹ Imagens coletadas em 22/11/2013 durante filmagens para o o projeto LABORILHA - Laboratório de experimentação de linguagem cinematográfica, proposto pela Cinemateca Catarinense em convênio com o Fundo Municipal de Cinema de Florianópolis - Funcine.

Imagens do encarte 'NOTAS BIBLIOGRÁFICAS',
disponível no verso da contracapa.





Frente

BAUSBAUM, Ricardo. **Manual do artista - etc.** RJ: Beco do Azougue, 2013.

CAMNITZER, Luis; PÉREZ-BARREIRO, Gabriel. **Educação para arte - arte para educação.** Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.

DEWEY, John. **Arte da experiência.** SP: Martins Fontes, 2010.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia e ESCÓSSIA, llliana da (Orgs). **Pistas do Método da Cartografia - Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo.** São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

DA WEB

CAGE, John. M: **writings, '67 - '72.** Middletown: Wesleyan University Press, 1973. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=uiuWBqPrg3AC&printsec=frontcover&dq=john+cage&hl=ptBR&ei=MizITbnvG4q_0AGF3M31Bw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=7&ved=0CEYQ6AEw8jgK#v=onepage&q&f=false. Acesso em janeiro de 2015.

CUPERTINO, Karine de Oliveira. **Dai-nos a experiência do nosso dia a dia: procedimentos estéticos de John Cage e do teatro performativo.** Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado e Licenciatura em Teatro, CEART/UDESC, junho de 2011. Disponível em: <http://www.pergamum.udesc.br/dados-bu/000000/000000000012/0000129D.pdf>. Acesso em janeiro de 2015.

KAPROW, Allan. **A Educação do Não-Artista, Parte I (1971).** In: GERALDO, Sheila Cabo. **Concinnitas: Revista do Instituto de Artes da UERJ.** ed. v.1. n.4. ano 4. março de 2003. Rio de Janeiro: UERJ, ART, 2003. p. 216-227. Disponível em: <http://www.concinnitas.kinghost.net/index.cfm?edicao=4>. Acesso em janeiro de 2015.

KAPROW, Allan. **A Educação do An-Artista, Parte II (1972).** In: CRUZ, José Luiz. **Concinnitas: Revista do Instituto de Artes da UERJ.** ed. v.1. n.6. ano 5. julho de 2004. Rio de Janeiro: UERJ, ART, 2004. p. 167-181. Disponível em: <http://www.concinnitas.kinghost.net/index.cfm?edicao=6>. Acesso em janeiro de 2015.

Verso

Francisco Pablo Medeiros Paniagua - Possui graduação em Desenho e Plástica (Artes Visuais) - Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria (2000-2004). Licenciatura em Artes Visuais - Universidade do Estado de Santa Catarina (2009-2013). Mestrando da linha de Processos Artísticos Contemporâneos, UDESC (2014). Artisticamente atua na produção de vídeos, múltiplos e publicações (Pablo Paniagua).

Produções de discentes do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC, na Disciplina Sobre ser Artista Professor, ministrada pela Professora Dra. Jociele Lampert, 2014/1.

